

# Histórias em Quadrinhos: Desenvolvimento Cognitivo no Ensino Fundamental

## Comics: Cognitive Development in Elementary School

Fabiana Lumi Kikuchi<sup>a\*</sup>, Rosemari Bendlin Calzavara<sup>b</sup>

### Resumo

Por meio deste estudo propõe-se analisar as histórias em quadrinhos em livros didáticos de 2ª série do Ensino Fundamental, por ser um recurso de grande potencial didático-pedagógico e de fácil aceitação por parte dos alunos. Nessa faixa etária, as crianças estão em fase de alfabetização, e os quadrinhos, cuja característica mais marcante é a presença de textos verbais e não-verbais, podem mediar o interesse pelo hábito da leitura de diferentes gêneros textuais. Utilizou-se como metodologia leitura bibliográfica e análise de cinco livros didáticos de quatro editoras diferentes da disciplina de português, entre os anos de 1998 e 2004, sendo conhecidos e utilizados na cidade de Londrina. Os resultados obtidos foram satisfatórios, e conclui-se que há autores de livros didáticos que utilizam esse recurso relacionando aos conteúdos trabalhados, entretanto, alguns ainda estão atrelados a concepções conservadoras, deixando pouco espaço para os quadrinhos.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos. Leitura. Livros didáticos.

### Abstract

*Through this study, we propose to analyse comics in grade two primary school books because they are a resource of great didactic-pedagogic potential, and they are easily accepted by students. At that age, children are learning how to read and write, and comics, whose most important feature is the presence of verbal and non-verbal texts, may raise students' interest in reading different types of texts. As for methodology, we conducted a literature review and analyzed five Portuguese language school books, well-known and used in the city of Londrina, launched between 1998 and 2004, by four different publishers. The results obtained were satisfactory and we conclude that there are school book authors who use such a resource relating it to other contents; however, some of them still hold old conceptions, leaving little space for comics.*

**Keywords:** Comics. Reading. School Books.

<sup>a</sup> Mestranda em Educação – Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente da Rede Municipal de Cambé-PR. E-mail: fabianakikuchi@hotmail.com.

<sup>b</sup> Doutoranda em Letras – Universidade Estadual de Londrina (UEL) Docente e Coordenadora do Curso de Letras – Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). E-mail: rosemari.calzavara@unopar.br.

\* Endereço para correspondência: Rua José Monteiro de Melo, 90. Jardim do Lago. Londrina – PR. CEP. 86.061-580.

### 1 Introdução

É como um cinema imóvel, um relato do qual participam a imagem e a escrita, o roteiro com todo seu conteúdo intelectual e os personagens representados por uma caneta capaz de dar-lhes vida e ligá-los à sensibilidade do leitor-espectador (CORTÁZAR *apud* OLIVIERA, 2008).

Muito se discute sobre a importância do desenvolvimento da leitura e da interpretação nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O estímulo ao hábito pela leitura é tanto um treinamento cognitivo quanto um processo educativo, pois o aluno interpreta e relaciona com seus conhecimentos prévios. O aprendizado da leitura inicia-se na idade pré-escolar, e esse relacionamento também depende do contexto familiar.

A educação tem perdido sua real essência, formando cidadãos com deficiência na compreensão e reflexão acerca dos recursos disponíveis no meio social. A estimulação da interpretação narrativa leva o leitor a se identificar com algumas situações ou personagens, compreender melhor e aprender a lidar com seus problemas. No caso dos quadrinhos,

alguns apresentam: cotidiano; estrutura ou desestrutura familiar; bem e mal; certo e errado, entre outros.

A carência de estudos envolvendo as histórias em quadrinhos acaba por reforçar a permanência do processo educativo tradicional e metódico. Apesar da existência de concepções que afetam a credibilidade da imagem como apoio didático-pedagógico ao desenvolvimento cognitivo da criança, atualmente, muitos autores explicam o oposto. Um dos fatores dessa perspectiva é o argumento comercial, perdendo a real intenção dos quadrinhos enquanto colaboradores do aperfeiçoamento cultural e moral do aluno leitor, em desenvolvimento. A leitura visual tem grande potencial educativo e apresenta pouca resistência por parte dos alunos, pois motiva a leitura e a criatividade por relacionarem imagem e texto.

Tendo em vista as ilustrações no mundo da criança, optou-se por trabalhar com a abordagem das histórias em quadrinhos nos livros didáticos de 2ª série do Ensino Fundamental, pois, nessa faixa etária, a criança está em fase de alfabetização, e a leitura é um estímulo para a aquisição da língua materna, razão pela qual escolheu-se a disciplina de português.

Desse modo, esse estudo se justifica pela importância da leitura verbal e não-verbal dos quadrinhos, cujos objetivos são: investigar a sua presença ou não em livros didáticos, comparar sua utilização em diversas editoras e propiciar o incentivo à sua utilização.

## 2 História das Histórias em Quadrinhos

As Histórias em Quadrinhos (HQs) surgiram com as necessidades do homem em representar, por meio da imagem gráfica, os acontecimentos do seu cotidiano.

De acordo com Bibe-Luyten (1987, p. 16):

[...] as origens das HQ estão justamente no início da civilização, onde as inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas já revelaram a preocupação de narrar os acontecimentos através de desenhos sucessivos.

Sendo assim, não é recente sua existência, já que era a forma encontrada pelos homens, daquela época, em deixar relatos de suas caçadas, colheitas, a existência de animais selvagens, entre outros. Conforme Vergueiro (2005a, p. 8), “o homem primitivo [...] transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos”.

Com o passar do tempo, as necessidades do homem foram se modificando, incitando outras formas de registro, como a escrita ideográfica, todavia, com estreita relação com a imagem a qual se pretendia representar.

Um grande avanço para a humanidade, segundo Vergueiro (2005), foi o advento da escrita do alfabeto fonético, no qual a imagem tinha menor importância, ampliando as possibilidades de composição e transmissão de mensagens. Nesse sentido, a escrita denotaria um grau de comunicação que o desenho, isoladamente, não conseguia atingir.

Entretanto, isso não significa que a imagem gráfica tenha perdido seu papel na comunicação humana. No fim do século passado, com o avanço das técnicas de impressão, as HQs apareceram como meio de comunicação de massa, sendo encontradas em livros e jornais.

Inicialmente apareceram nos jornais norte-americanos, sendo “[...] predominantemente cômicos, com desenhos satíricos e personagens caricaturais. Alguns anos depois [...] enfocavam núcleos familiares, animais”, sem deixar de lado o enfoque cômico (VERGUEIRO, 2005a, p. 10).

Bibe-Luyten (1987) afirma que os pensadores convencionaram o marco inicial das histórias das HQs a criação do “Yellow Kid” (O Menino Amarelo) em 1894 pelo norte-americano Richard F. Outcault, para o *New York World* (jornal sensacionalista), que tornou-se rapidamente grande atração.

Já no Brasil, a data do surgimento dos quadrinhos é considerada dia 30 de janeiro de 1879, com a publicação do personagem Nhô Quim, de Ângelo Agostini, na revista *Vida Fluminense*, sendo também comemorado o dia do quadrinho brasileiro (CALAZANS, 2005).

A supervalorização dos quadrinhos tornou-se grande fator de venda dos jornais, mostrando aos empresários que estes, tinham lugar assegurado (BIBE-LUYTEN, 1987).

No final da Segunda Guerra Mundial, surgiram revistas

de quadrinhos com histórias de terror e suspense. Parte da sociedade começou a preocupar-se com o conteúdo veiculado, gerando desconfiança em relação às influências sobre as crianças (VERGUEIRO, 2005). Dessa maneira, concebia-se a idéia de desvirtuamento moral, de princípios e valores.

As HQs não foram sempre vistas com grande valorização para fins educativos. Vergueiro (2005a, p. 11) aponta a denúncia de Fredric Wertham, psiquiatra alemão, em relação às HQs, na época:

Fredric Wertham [...] encontrou espaço privilegiado para uma campanha de alerta contra os pretensos malefícios que a leitura de história em quadrinhos poderia trazer aos adolescentes norte-americanos. Baseado nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos, [...] passou a publicar artigos a jornais e revistas especializadas, ministrar palestras em escolas, participar de programas de rádio e tevê, nos quais sempre salientava os aspectos negativos dos quadrinhos e sua leitura.

Fredric Wertham apontava que as HQs influenciavam as crianças, tornando-as cidadãos desajustados na sociedade. Ele reuniu suas observações e publicou um livro em 1954, intitulado “A Sedução dos Inocentes” (*Seduction of the Innocent*), citando exemplos como: Batman e Robin, cuja representação significava o sonho de dois homossexuais; e Superman, com a possibilidade de uma criança desejar se atirar da janela (voar) (VERGUEIRO, 2005).

Nesse sentido, os pais, professores, bibliotecários passaram a exigir vigilância rigorosa para a aquisição desses materiais pela sociedade, considerados responsáveis pela delinquência infantil e juvenil. Assim, a proibição e preocupação dos pais em relação às histórias em quadrinhos eram apenas consequência das informações que obtinham pelos autores que analisavam cuidadosamente seus malefícios.

No final da década de 1940, a *Association of Comics Magazine* elabora uma proposta a fim de garantir aos pais e educadores que os conteúdos das Histórias em Quadrinhos não eram nocivos ao desenvolvimento intelectual das crianças. Cada *comic book* (gibi) passou a receber um selo de qualidade (VERGUEIRO, 2005). Conseqüentemente diminui a circulação das HQs (devido a ausência do trabalho de algumas editoras), com conteúdos para desenvolver o aperfeiçoamento intelectual. Assim as histórias em quadrinho eram consideradas coisas de criança, e aquele que permanecesse lendo gibi na idade adulta era visto com desconfiança (OLIVEIRA, 2005).

Desta forma, crianças e adultos estavam limitados quanto à leitura de histórias em quadrinhos. As crianças por questões educacionais, e os adultos por mero preconceito. Oliveira (2005, p. 22) argumenta que:

as histórias em quadrinhos eram, ainda, acusadas de desestimular a leitura (as crianças ficavam mais preguiçosas ao lerem gibis) e a criatividade, uma vez que já traziam o desenho das cenas, deixando pouco para a imaginação do leitor.

Nessa lógica, a leitura de gibis inibia a possibilidade de deflagração da imaginação e criatividade. O fracasso escolar acabava por ser transferido à essa perspectiva, na qual sua apreciação estaria aprisionada no mito de uma construção cognitiva deletéria. O mergulho na leitura, que poderia ser algo prazeroso e atraente, muitas vezes foi limitado devido à essa crença.

De acordo com Oliveira (2005) alguns dos maiores escritores da atualidade foram leitores ávidos de quadrinhos. Entre eles: Ray Bradbury e Umberto Eco. Dessa forma, os quadrinhos não significam atraso no desenvolvimento humano e intelectual, visto que são lidos por diversos escritores famosos.

Em relação a não estimular a criatividade, pensadores revelam o oposto. Nas provas do MEC, de acordo com as pesquisas realizadas, foi constatado que entre os melhores percentuais, 17,1% lêem quadrinhos, e a porcentagem que não apresenta essa prática, revelou 9,9%. (OLIVEIRA, 2005).

Apesar das pesquisas revelarem a capacidade dos quadrinhos no desenvolvimento intelectual das crianças, alguns pais ainda têm concepções conservadoras sobre o assunto. Vergueiro (2005a, p. 16) afirma que:

Mesmo atualmente há notícias de pais que proíbem seus filhos de lerem quadrinhos sempre que as crianças não se saem bem nos estudos ou apresentam problemas de comportamento, ligando o distúrbio comportamental à leitura de gibi.

Portanto, há duas vertentes opostas em relação à credibilidade educativa das histórias em quadrinhos. Pelas palavras de Vergueiro (2005), podemos perceber o pensamento ainda existente em relação a esse recurso didático. Histórica e culturalmente, temos uma sociedade criticada pela ausência de práticas de leitura, todavia, lembramos a capacidade da leitura no desvelamento do mundo. Freire (2005) chama atenção à relação de opressão a que somos submetidos, sendo necessário quebrar mitos, buscar a própria libertação. Nesse sentido, a leitura seria um meio de captar a realidade, conhecer e transformar, na constante condição de sujeitos históricos, com condições críticas para desmascarar a materialidade escrita.

Embora seja subestimada devido a preconceitos academicistas, ela permite que seus autores expressem questões científicas, filosóficas e artísticas sem patrulhamentos, e, por ser também uma forma de entretenimento e lazer, não encontra resistências por parte de alunos (CALAZANS, 2005, p. 7).

### 3 Leitura Visual dos Quadrinhos como Apoio Pedagógico

Serpa e Alencar (1988 *apud* CALAZANS, 2005) aponta pesquisa, cujo resultado revela que 100% dos alunos pesquisados gostavam mais de ler quadrinhos ao invés de outra forma de leitura. Nesse sentido, os quadrinhos auxiliam

como apoio didático-pedagógico, facilitando e motivando o aprendizado. O hábito de leitura desse tipo de mídia pode ser transferido para os livros.

Conforme McCloud (2005), o “pai” dos quadrinhos modernos é Rodolphe Topffer, apresentando HQs com imagens satíricas, iniciadas em meados do século XIX, empregando caricaturas e requadros. Porém, nem mesmo ele sabia o potencial dos mesmos, tornando-os apenas um hobby.

McCloud (2005, p. 20) denomina os quadrinhos como uma arte seqüencial, por apresentar imagens pictóricas a fim de transmitir uma informação:

As figuras em seqüência finalmente estão sendo reconhecidas como uma excelente ferramenta de comunicação, mas ninguém ainda se refere a elas como quadrinhos! “diagramas” soa mais dignificante, eu suponho. [...] As histórias em quadrinhos surgem em todo lugar quando se usa a definição arte seqüencial.

Atualmente, os quadrinhos passaram a ter maior aceitação como elemento de comunicação, pela sua especificidade narrativa, ampliando sua presença nos materiais didático-pedagógicos. De acordo com Oliveira (2005, p. 22) “curiosamente os que criticam os quadrinhos são [...] aqueles que não têm o hábito da leitura. Pessoas com alto nível intelectual têm-se voltado para as possibilidades pedagógicas dos gibis”.

Na Europa, durante a década de 1970, aumentou o uso dos quadrinhos como apoio para tratamento de temas escolares de forma lúdica. Outros editores seguiram a mesma linha, com maior ou menor sucesso, reforçando e elucidando bons resultados na transmissão de conteúdos escolares (VERGUEIRO, 2005).

Contudo, isso não significa que as histórias em quadrinhos foram aceitas com total confiança inicialmente. Essa inclusão ocorreu minuciosamente. Com os resultados satisfatórios, aos poucos os quadrinhos foram introduzidos aos livros didáticos, pelos próprios autores, ou por solicitação das editoras.

Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo. No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções (VERGUEIRO, 2005a, p. 20).

Apesar de ainda haver livros didáticos com pouca ou nenhuma utilização de HQs, a tendência tem aumentado por facilitar o aprendizado pela sua linguagem clara e acessível. De acordo com Vergueiro (2005a, p. 21), no Brasil, “o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais)”.

Nas HQs, a visão é simultânea (passado-presente-futuro) e instantânea, possibilitando ao leitor tanto o complemento da ação, quanto o desenvolvimento de sua criatividade. Para McCloud (2005, p. 85) “a arte dos quadrinhos é tão subtrativa quanto aditiva. E encontrar o equilíbrio entre a falta e o excesso é crucial para qualquer criador de quadrinhos”.

Portanto, é possível apresentar uma ação tanto com dois quadrinhos, quanto com dez, depende do tipo de interpretação que se espera do leitor.

Os quadrinhos podem ser espantosamente vagos sobre o que nos mostram. Mostrando pouco ou nada de uma determinada cena, e oferecendo apenas pistas, o artista pode provocar uma infinidade de imagens na mente do leitor [...] assim como ele completa uma ação ou idéia (McCLOUD, 2005, p. 86-87).

A imagem mental completa toda a ação que resulta o segundo quadrinho. Todo esse processo é fundamental para o desenvolvimento intelectual do aluno.

Para Cagnin (1975, p. 25) “as histórias em quadrinhos é um sistema narrativo formado por dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; e a linguagem escrita”. O autor, explica o signo lingüístico e a idéia a qual mentalizamos pela relação entre conceito e imagem, ou seja, no momento em que “ouvimos” ou “lemos” determinada palavra, imaginamos o objeto (relação significado e significante).

A imagem desenhada dos quadrinhos [...] é um signo análogo e contínuo. É análogo porque tem íntima relação de semelhança com o objeto representado, dando impressão de uma quase realidade [...]. A leitura em busca do significado não é unidirecional, em linha, como na escrita, ou em movimentos sucessivos, como na fala, é contínua; a sua significação vem do todo, é próxima do modo de ver e entender as coisas reais (CAGNIN, 1975, p. 30).

A imagem visual não é somente visual, compõe-se por um conjunto lógico de relações que permite transmitir uma mensagem ao leitor. Cagnin (1975, p. 33) explica que “a imagem dos quadrinhos é um desenho manual [...], revela a intencionalidade do desenhista [...], e transforma o desenho em mensagem icônica, carregando em si, além das idéias, a arte, o estilo do emissor”.

Nessa perspectiva, as imagens das HQs transmitem uma mensagem contínua, diferente de outras formas visuais como a fotografia, muitas vezes apresentada, de maneira estática. Esse recurso permite interpretações variadas estabelecidas pelo desenhista. Isso não significa que a fotografia não transmite uma mensagem, mas seus objetivos são distintos dos quadrinhos, sendo geralmente destinados a relatos e informação.

Para utilizar as histórias em quadrinhos em sala de aula, torna-se importante analisar o material de acordo com a faixa etária, qualidade, e se o conteúdo presente está de acordo com os objetivos pretendidos. A leitura de HQs não é um momento isolado dos conteúdos escolares, deve-se planejar

o desenvolvimento das atividades e adaptá-la ao cronograma dos cursos.

[...] deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções artísticas da indústria editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica, etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes (VERGUEIRO, 2005a, p. 27).

Ainda de acordo com Vergueiro (2005), o professor também precisa estar familiarizado com o meio dos quadrinhos, conhecer seus principais elementos de linguagem, os inúmeros recursos que dispõe para representação do imaginário, as especificidades do processo de produção, entre outros.

Antes de adotar um livro paradidático, cabe ao professor avaliar os quadrinhos, levar em consideração as características presentes e a forma como são abordados. Calazans (2005, p. 21) aponta alguns critérios que podem ser utilizados antes de adotar um livro:

1. [...] existência de drama, verbo, ação e movimento [...] colorido rico em todas as páginas, [...] linguagem acessível.
2. [...] longos discursos e ilustrações detalhadas de processos, [...] balões de fala com mais de sete linhas, o material pode ser entediante, afastando e desmotivando o aluno.
3. É necessário que o livro capte o interesse dos leitores, reproduza a signagem, o visual, a estética e o ritmo narrativo.
4. Em caso de dúvida, o professor poderá testar o livro, mostrando-o aos alunos e pedindo que o avaliem.

Segundo Calazans (2005) a EBAL - Editora Brasil-América, a partir da década de 1950, publicou HQs com biografias ávidas e fatos históricos, entretanto eram monótonas, estáticas, sem ação ou envolvimento emocional, sem suspense, com enormes balões de texto e quadros informativos em linguagem complexa. Essas características podem desestimular e inibir o desejo pela leitura dos diversos gêneros textuais, por esse motivo, deve-se analisar as características de cada quadrinho a utilizar, inclusive os meios gráficos.

#### 4 Abordagem de Estudo

Baseado na leitura desses teóricos, foi analisado a presença e a metodologia utilizada pelos livros didáticos em relação às histórias em quadrinhos. Decidiu-se trabalhar com livros didáticos da 2ª série do Ensino Fundamental, porque nessa faixa etária, a criança se encontra em processo de alfabetização e os quadrinhos podem auxiliar e estimular a leitura, pela sua estrutura visual atrativa.

Inicialmente foram separados livros de diversas disciplinas. Verificou-se, então, a dificuldade em trabalhar com esses dados, pela sua amplitude. Portanto, limitou-se à disciplina de português. Os livros dessa disciplina apresentam maior quantidade de HQs, entretanto, deveriam ser trabalhadas em todas as disciplinas, por ser um rico instrumento de ensino.

A pesquisa restringi-se a 5 livros de 4 editoras conhecidas, utilizadas nas instituições de ensino e com representantes em Londrina. Sendo as editoras: Scipione, Saraiva, Moderna e FTD. Todas são de São Paulo e a data de edição varia entre 1998 e 2004. Foram analisados histórias em quadrinhos presentes em cada livro, como ela é apresentada nas unidades, sua estrutura visual e como sua interpretação está relacionada com seus conteúdos.

Foi estabelecido relação entre os argumentos teóricos e as HQs encontradas nos livros. Há características e formas diversas de se trabalhar com o universo dos quadrinhos, sendo que cada autor de história em quadrinhos tem suas características individuais.

### 5 Análise das Histórias em Quadrinhos em Livros Didáticos

Alguns autores utilizam técnicas para aguçar a curiosidade e o interesse do leitor conforme sua maneira de trabalhar com as HQs, são características individuais dos quadrinistas, além de apontar personagens de sua criação. Apresentamos alguns dos quadrinhos analisados. Selecionamos um de cada livro para discutir as características presentes.

#### 5.1 Análise do Livro 01

O livro didático de língua portuguesa intitulado “A escola é nossa”, da autora Maria Paganini Cavéquia, da editora Scipione apresenta tiras de histórias em quadrinhos em espaços denominados “Momentos de Leitura”, pois estão presentes em quase todas as unidades.

Na unidade dois, há três tiras de Maurício de Souza, que explora o humor em situações a qual uma mesma palavra possui variados significados. Há onomatopéia, textos curtos, quadros em formato padrão, porém alguns menores que outros, mostrando o ritmo de tempo variado. A figura 01 ilustra essa perspectiva.



Fonte: Cavéquia, 2004, p. 48

Figura 1 - Maurício de Souza, “Bidu”.

Em seguida, o livro sugere atividades que envolvem conversa informal (atividade oral) com os alunos sobre as tiras, análise da pontuação nas falas dos personagens (ponto de interrogação, ponto de exclamação, dois pontos de exclamação) e interpretação dos significados das palavras.

#### 5.2 Análise do Livro 02

Outra editora analisada foi a Saraiva, com o livro intitulado “Viver e aprender Português”, dos autores Cloder R. Matos e Joana G. Aguiar. As HQs não são apresentadas em todas as unidades, entretanto, há atividades articuladas com os conteúdos trabalhados nas mesmas.

Na unidade três, na história em quadrinhos de Eva Furnari, intitulado “O Ratinho”, não há presença de balão de fala. Furnari aborda a história apresentando apenas imagens, em que a expressão e os gestos dos personagens contam todo o desenrolar da ação.

O cenário é simples, com apenas três quadrinhos por página, porém contém ação, emoção e humor. Posteriormente, há um estudo da HQ, possibilitando o desenvolvimento de sua interpretação, e um estudo da gramática.



Fonte: Martos; Aguiar, 2002, p. 50.

Figura 2 - Eva Furnari, “O amigo da Bruxinha”.

#### 5.3 Análise do Livro 03

O livro didático da editora Moderna retrata, em algumas unidades, uma parte destinada às HQs, sendo uma forma de interpretação rica para o desenvolvimento desse tipo de leitura, por estabelecer uma preparação (conversa informal) sobre os temas a serem tratados. O livro é intitulado “Português: uma proposta para o letramento”, escrito por Magda Soares.

A autora indica uma HQ muito interessante destinada à leitura silenciosa. A personagem Carol volta de viagem e chora por acreditar que sua tartaruga esteja morta, porém, ele também saiu de viagem, sem levar sua casa, assim como nós também saímos sem nossas casas.

Observa-se então, o humor presente. Quando Carol grita, o leitor pode sentir seu desespero, mergulhando nos próprios devaneios. Os personagens têm expressões faciais e movimento possibilitando ao leitor a vivência da ação.

A primeira fala não está no quadro padrão. A personagem está ao lado do título da história, explicando o que contará nos quadrinhos. Os quadros possuem tamanhos variados, pois os menores têm intenção de focar somente o diálogo de alguns personagens. Possibilita ao leitor, o complemento mental de um quadro para outro.



Fonte: Soares (2003)

Figura 3 - Laerte, “Carol”.

Posteriormente, há um estudo de interpretação escrita, na qual detalha as falas dos quadrinhos, e procura alicerçar-se no reconhecimento da compreensão dos alunos em relação à mensagem do autor.

#### 5.4 Análise do Livro 04

Decidiu-se analisar dois livros da editora FTD, por notar que, apesar de ser a mesma editora, ambos possuem diferentes formas de trabalhar com os quadrinhos. No primeiro livro

intitulado L.E.R.: leitura, escrita e reflexão, das autoras Márcia Leite e Cristina Bassi, podem ser identificados em diversos momentos, e com atividades variadas.

Na unidade nove, há um quadrinho de Eva Furnari (Bruxinha 1), com poucos balões de fala, pouco colorido, entretanto consiste pela presença do humor, característica da autora.



Fonte: Leite; Bassi (1999).

Figura 4 - Eva Furnari, “Bruxinha 1”.

Nesta proposta, os quadrinhos são dispostos aleatoriamente, cabendo ao aluno, além de interpretar, organizá-los atribuindo sentido.

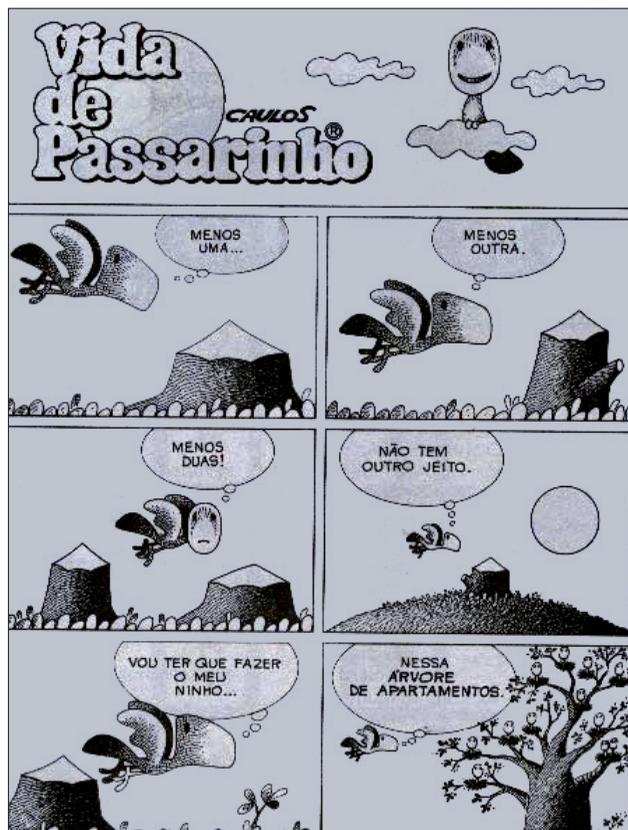
#### 5.5 Análise do Livro 05

O segundo livro da Editora FTD é de Antônio Gilberto Neto e Edson Gabriel Garcia, intitulado “Nova Expressão”. Optamos por este livro por não apresentar muitas histórias em quadrinhos.

A unidade três explica os diferentes tipos de balões das histórias em quadrinhos e propõe a organização de uma HQ pelos alunos. Na unidade cinco, há outra atividade semelhante; entretanto, aponta os elementos que devem conter na história que criarão.

Somente na unidade oito há uma história em quadrinhos, de Caulos, denominada “Vida de passarinho”. É uma HQ em preto e branco, com apenas balões de pensamento, e um quadrinho sem linha de contorno. Apresenta uma história de conscientização sobre o desmatamento.

Este livro não aborda as HQs com muita frequência enquanto auxílio para o estudo de outros conteúdos da língua portuguesa. Enfatiza textos em prosa e poesia, e deixa pouco espaço para exploração da leitura visual.



Fonte: Neto; Garcia, 1998, p. 204.

Figura 5 - Caulos, “Vida de Passarinho”.

## 6 Discussão dos Resultados

Após a análise dos livros didáticos realizada separadamente, notou-se que no geral, os autores propõem as histórias em quadrinhos como recurso didático, considerando aspectos implícitos singulares.

As características variam pela forma gráfica e as estratégias escolhidas para prender a atenção do leitor. Como acrescenta McCloud (2005, p. 85) “a arte dos quadrinhos é tão subtrativa quanto aditiva. E encontrar o equilíbrio entre a falta e o excesso é crucial para qualquer criador de quadrinhos”. Na questão gráfica, Vergueiro (2005) e Eisner (2001) apontam a técnica utilizada como variação de acordo com o objetivo de cada autor.

Maurício de Souza, por exemplo, aborda fatos cotidianos, contos de fadas, e explora o colorido das imagens. Eva Furnari, com a bruxinha, investe no preto e branco e valoriza os quadrinhos sem balões de fala. Segundo Cagnin (1975, p. 10), “hoje, podemos encontrar páginas inteiras guiadas somente pela imagem, sem o auxílio do texto que só aparece nas onomatopéias, abundantes e também figurativas”.

A quantidade de quadrinhos, os tipos de balões utilizados, as cores, os efeitos, as expressões faciais e gestos, são diversificados. Essa variedade de características ajuda o aluno a desenvolver os diversos tipos de leitura e interpretação. Além disso, cada aluno compreende de forma singular, possibilitando a viabilização de discussões diversas e individuais.

Conforme Silva (2005, p. 41):

[...] a aquisição de novas informações e a consequente expansão de horizontes decorrentes de leituras ecléticas vão se tornar instigadoras de diálogos mais frequentes e de comunicações mais autênticas. Nesse sentido, ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana.

Alguns autores proporcionam o “complemento mental” realizado pelo leitor. Nessa perspectiva, o aluno pode desenvolver sua imaginação completando a ação não apresentada. Muitas vezes o próprio leitor não percebe a conclusão. Como afirma McCloud (2005, p. 65), “nos filmes, a conclusão acontece continuamente, vinte e quatro vezes por segundo, enquanto nossas mentes transformam uma série de imagens paradas numa história em movimento contínuo”.

No geral, as histórias em quadrinhos têm efeito humorístico e de ação. Essas características são fundamentais para despertar o desejo por esse tipo de leitura.

Baseado nos cinco livros analisados, apenas o Livro 05 limita a utilização da leitura visual dos quadrinhos, por apresentar apenas o quadrinho de Caulos, a qual poderia ser mais explorada. Como afirma Cagnin (1975), ela é composta por imagem e leitura escrita, transmitindo uma mensagem ao leitor.

A leitura de HQs difere dos textos em prosa e poesia enfatizados. O livro é de 1998, portanto, atual. A importância da leitura visual vem dos primórdios, pois as imagens foram a primeira forma de representação e em seguida, surgiu a escrita. Os quadrinhos proporcionam essa relação entre imagem e texto verbal, não sendo exclusivamente visual. De acordo com Vergueiro (2005a, p. 27) “deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções artísticas [...] tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes”.

Assim, os quadrinhos podem auxiliar o aprendizado, não sendo desvinculado dos conteúdos e do planejamento do professor. Vergueiro (2005) acrescenta que atualmente é comum a presença de histórias em quadrinhos em livros didáticos de diversas áreas, entretanto, como observamos no Livro 05, esse fato nem sempre se concretiza. Na lógica avaliativa inclui-se a importância do professor no momento da escolha do livro didático mais adequado.

No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções (VERGUEIRO, 2005a, p. 20).

Não foram analisados livros mais antigos, todavia, é provável que os autores seguiram a linha a que estavam acostumados, sem enfatizar os quadrinhos. Como sua inclusão iniciou, de fato, em meados de 90, este livro de 98 ainda estava em fase de adaptação, ainda atrelado a outras concepções, pois há apenas uma história em quadrinhos no final do livro.

Essa história contém humor e se fundamenta na conscientização sobre o desmatamento. O preto e branco

caracteriza a situação triste da realidade em que vive o passarinho. Apesar do humor presente, os autores poderiam abordar também quadrinhos coloridos, entretanto, poderia perder a real intenção da interpretação. Isso não significa que quadrinhos preto e branco são desestimulantes, pois essa é uma das características marcantes de Furnari com a bruxinha, engraçada e divertida.

O Livro 05 aponta duas atividades com características das HQs com o objetivo de proporcionar ao aluno o desenvolvimento dessa história em quadrinhos. Como o livro não os insere para que o aluno tenha base para sua realização, o professor pode trabalhar com gibis primeiramente, com histórias diversificadas, e posteriormente questionar a mensagem transmitida, a moral da história e, se possível, relacionar a fatos cotidianos.

Caso a instituição não tenha alternativa e o professor precise utilizar livros didáticos com pouco recurso visual, ele pode optar pela sua criatividade e buscar complemento didático-pedagógico.

Segundo Barbosa (2001, p. 1), “existem diferentes gêneros em circulação social, usados em diferentes situações, de comunicação, e cada um deles exige, para sua compreensão ou produção, diferentes conhecimentos e capacidades”. Conforme Vergueiro (2005), os quadrinhos já são, inclusive, reconhecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por auxiliarem o ensino de forma mais eficiente, são motivadores, há um alto nível de informação presente, desenvolvem o hábito pela leitura, enriquecem o vocabulário, ajudam o aluno a pensar e imaginar, entre outros.

O pleno domínio de leitura e da escrita é um direito garantido na LDB 9394/96, e em conformidade aos PCNs de língua portuguesa (1997), é uma forma vital para a participação na sociedade letrada. Nesse sentido, aprender a ler, escrever e compreender, é um meio de acesso às informações disponibilizadas no contexto social.

Portanto, há uma diversidade de estilos textuais que estão à disposição do aluno, articuladas à sua realidade, ótimos recursos para desenvolver as práticas de leitura e compreensão, todavia é preciso possibilitar meios para que esse acesso seja possível.

## 7 Possíveis Considerações

Procurou-se, neste estudo, analisar as histórias em quadrinhos em livros didáticos, articulando a importância e o potencial educativo dos quadrinhos à sua utilização nos livros enquanto recurso didático-pedagógico. A opção pela por este tema foi pela evidente necessidade em desenvolver a leitura visual sem fragmentá-la e desvinculá-la dos textos verbais.

A maioria das editoras apresenta quadrinhos humorísticos e coloridos, despertando o interesse pelo aprendizado relacionado aos conteúdos. Tendo em vista esta articulação, os quadrinhos tornam-se apoio didático-pedagógico. Cada autor utiliza características próprias, variando cores, formas gráficas, estratégias, a fim de prender a atenção do leitor, tornando essa diversidade uma forma de desenvolver a

compreensão e reflexão.

Por meio dos dados apresentados, espera-se instigar uma outra visão quanto ao uso das histórias em quadrinhos como recurso didático-pedagógico. Reforçamos a intenção em deflagrar apreciações acerca de seu uso, sem mantê-los ao isolamento, fragmentados e longe do contexto real dos alunos. Assim, faz-se necessário que se familiarize e aprenda a interpretar, significar e ressignificar tanto a informação proposta, quanto a mediação do professor, nesta era em que circula a linguagem não-verbal como meio de acesso fácil e rápido.

## Referências

- BARBOSA, J. P. *Trabalhando com os gêneros do discurso: relatar; notícia*. São Paulo: FTD, 2001.
- BIBE-LUYTEN, S. M. *O que é História em quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei 9.394/96*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª série: língua portuguesa*. Brasília: MEC, 1997. v. 2.
- CAGNIN, A. L. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- CALAZANS, F. M. A. *História em quadrinhos na escola*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- CAVÉQUIA, M. P. *Português: a escola é nossa*. São Paulo: Scipione, 2004. v. 2.
- EISNER, W. *Quadrinhos e arte seqüencial*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 154p.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 213p.
- GIL NETO, A.; GARCIA, E. G. *Nova expressão: língua portuguesa: atividades de pensar, falar, ler e escrever*. São Paulo: FTD, 1998, v.2, 224p.
- LEITE, M.; BASSI, C. *L.E.R.: leitura, escrita e reflexão*. São Paulo: FTD, 1999, v.2, 255p.
- MARTOS, C. R; AGUIAR, J. D. G. *Viver e aprender Português*. São Paulo: Saraiva, 2005. v. 2.
- McCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos: desenho, criação, animação, roteiro*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.
- OLIVEIRA, I. A. S. *Ler é reviver*. 2008. Disponível em: <www.livre.escolabr.com>.
- OLIVEIRA, I. C. A. Gibis: exploração didática da história em quadrinhos na sala de aula. *Revista do Professor*, Porto Alegre, p. 22-28, out./dez. 2005.
- SILVA, E. T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SOARES, M. *Português: uma proposta para o letramento: ensino fundamental*. São Paulo: Moderna, 1999.
- VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização necessária”. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 7-30.
- \_\_\_\_\_. O uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 31-64.